



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura da VII Feira Nacional da Agricultura Familiar e Reforma Agrária e lançamento do Plano Safra da Agricultura Familiar 2010/2011

Brasília-DF, 17 de junho de 2010

Bem, companheiros, vocês viram que eu tive que levantar o microfone, numa demonstração de que eu sou um pouquinho mais alto que o Guilherme, e mais baixo do que aquele baixinho ali, olha. Aquele baixinho parece o salário mínimo do meu governo.

Bem, quero começar cumprimentando minha companheira Marisa,

Cumprimentar o companheiro Marco Maia, presidente em exercício da Câmara dos Deputados,

Quero cumprimentar os ministros, companheiro Guilherme Cassel, que acabou de falar; o Wagner Rossi, da Agricultura; a Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; o nosso companheiro Luiz Dulci, da Secretaria Geral; o nosso Altemir Gregolin, nosso companheiro da Pesca; o Paulinho Vannuchi, dos Direitos Humanos.

Cumprimentar o companheiro Suplicy e a nossa senadora Serys,

Cumprimentar a deputada Emília Fernandes,

Cumprimentar o nosso companheiro Dida, presidente do Banco do Brasil – o nome dele é sofisticado: Aldemir Bendine, vulgo Dida, presidente do Banco do Brasil,

O Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste,

O Abidias Júnior, presidente do Banco da Amazônia,

O nosso companheiro Rolf – que eu nunca sei ler o sobrenome dele –, presidente do Incra,

Cumprimentar a nossa companheira Elisângela dos Santos Araújo, coordenadora-geral da Fetraf Brasil,



O companheiro Alberto Broch, presidente da Contag,
O Frei Sérgio, representante da Via Campesina,
O companheiro Manoel Cunha, presidente do Conselho Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras Extrativistas,
Cumprimentar todos os companheiros cooperativistas,
Cumprimentar todos os companheiros e companheiras, trabalhadores e trabalhadoras rurais,
Cumprimentar todas as autoridades que estão ali presentes. Eu estou vendo muitas autoridades, mas tem autoridade aqui, tem autoridade ali.
Cumprimentar... Tem autoridade aqui.

É o seguinte: esse microfone não solta o fio, então arruma um telefone [microfone] sem fio aí, porque...

Olhem, eu não sei, companheiro Guilherme, eu estou vendo o Miguel Rossetto ali e eu acho que o Miguel Rossetto é uma das pessoas que eu espero que seja essencial para o próximo período da agricultura familiar, sobretudo no que diz respeito à organização da produção de biodiesel, por conta da nossa Petrobras, a nossa Pbio.

Nós criamos uma empresa na Petrobras especificamente para cuidar do biodiesel, porque se não tiver a Petrobras para dar garantia ao pequeno produtor rural de que ele vai plantar e de que ele vai ter preço garantido para o produto que ele plantar, talvez o mercado, por si só, não resolva a situação do biodiesel na área da agricultura familiar.

Também quero cumprimentar o companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae, que deve colaborar muito com a agricultura familiar. Por enquanto, ele está muito urbano, mas é preciso colocar o “pé no barro” e andar um pouco o Brasil, para que o Sebrae possa ajudar também a agricultura familiar.

E dizer poucas coisas, porque eu estou atrasado para o outro



compromisso. E hoje é o meu último, é o meu último lançamento do Plano Safra como presidente da República, e eu já estou começando a sentir saudade de vocês.

Acho, acho que o que o companheiro Guilherme falou aqui foi pouco, diante do que nós fizemos e pouco diante daquilo que a gente precisa continuar fazendo neste país. Numa caminhada, a gente vai dando passo a passo, porque se a gente não der passo a passo, mesmo que a gente possa dar passo mais rápido ou mais lento, a gente pode cair e não prosseguir a nossa caminhada.

Nós estamos num momento primoroso e de muito orgulho do nosso país. Parece que finalmente valeu a pena a gente conquistar a nossa independência, em 1822. E, depois de tantos anos, parece que nós estamos nos tornando mais cidadãos e mais cidadãs. As pessoas mais pobres começam a ser tratadas com o respeito que sempre deveriam ter sido tratadas, os camponeses já não saem mais dos campos para ir para as cidades, pelo contrário, já tem gente voltando da cidade para o campo. E isso se deve aos efeitos das políticas públicas que foram criadas não por mim, mas por vocês, por vocês, e que nós tivemos apenas a grandeza de aceitar aquilo que vocês colocaram, ao longo da trajetória de vocês, aquilo que vocês, em dezenas de reuniões, acertavam com o ministro Guilherme, com o ministro Dulci, aquilo que era pauta de reivindicação que vocês entregavam, que passava pela mão de 19, 20, 21 ministros e que depois a gente devolvia para vocês aquilo que a gente podia atender ou não, cada conquista de vocês foi um milímetro avançado e a gente sente que a melhora é visível, a melhora é visível.

Antigamente, todo santo dia a gente discutia o êxodo rural, de pessoas que deixavam o campo e iam para a cidade, e hoje nós estamos vendo, com muito orgulho, que morar no campo, com o programa Luz para Todos, com o Pronaf trazendo crédito, com o Banco do Brasil ajudando mais os pequenos, com o BNB ajudando mais os pequenos, com o Basa ajudando mais os



pequenos, com a Caixa Econômica financiando casas para o povo que mora no campo também, a gente percebeu que as pessoas preferem morar no campo com muito mais tranquilidade e criar suas famílias sem os perigos de morar em uma grande cidade. Essa é uma coisa que ninguém vai conseguir apagar desses meus oito anos de mandato.

Então, uma coisa que é quase que um milagre, é quase que um milagre, o que fez o programa e o que faz o programa Luz para Todos nesse país. Já foram quase, Guilherme, 12 milhões de pessoas atendidas; ao todo foram 2,4 milhões de residências que receberam o programa Luz para Todos, uma verdadeira... Somente quem vive à base do candeeiro, somente quem sabe o que é dar comida para uma família à base de candeeiro, somente quem vê uma criança ler com os olhos em cima de um pavio de um candeeiro queimando é que sabe o significado do programa Luz para Todos. A verdade é que não é qualquer governo que faria o programa Luz para Todos, por que o Luz para Todos, analisado à luz de um especialista em economia, de um daqueles companheiros que a gente, de vez em quando, vê na televisão falando, um especialista – e tem uma coisa chamada especialista – que vai comentar, fazer a análise econômica, à luz de uma boa análise econômica, não é rentável o programa Luz para Todos e, portanto, não dava para fazer o Luz para Todos.

Pois bem, companheiros, é nessa hora em que o mercado não vê rentabilidade que aparece o Estado, que nunca deveria ter sido tratado como foi tratado ou desmontado, há um tempo, para levar R\$ 12 bilhões em forma de luz elétrica para mais de 12 milhões de pessoas. E se não fosse o Estado, nenhuma empresa privada teria interesse em levar, porque não era economicamente viável. Afinal de contas, para que levar um poste a cada 10 quilômetros de distância, uma casa da outra, para que colocar luz para aquela gente? Eles que aprendam a catar vaga-lume, e que fique clareando... manda a molecada ler correndo atrás de um vaga-lume, e vai lendo o seu livro. E nós



partimos do pressuposto de que esses brasileiros que moram lá nos “cafundós do Judas”, no lugar mais longínquo da Amazônia, têm que ser tratados como o mesmo respeito que o cidadão que mora na Avenida Paulista ou Copacabana, neste país. Não podem ser tratados diferente. E é por isso que nós não tratamos como gastos do governo o dinheiro do Luz para Todos, nós tratamos como investimento, porque, na hora que chega a luz, 83% das pessoas compram televisão, 79% das pessoas compram geladeira, 50% das pessoas compram aparelhos de som, e veja quantas pessoas compram liquidificador, fazem casa de farinha, compram moinho. A verdade é que o programa Luz para Todos significa muito mais do que aquilo que alguém entendia que era uma política benevolente do Estado, significa dar oportunidade para as pessoas deste país serem tratadas em igualdade de condições.

A gente não teria, Guilherme, chegado à situação que chegou. Você falou e falou muito bem do nosso Mais Alimentos, mas nós tínhamos discutido já. Nós precisamos saber onde é que está travado, e poderia depois do trator, financiar um “caminhãozinho” pequeno para o pessoal carregar a comida deles. Olha, o Guilherme está dizendo que já está na praça, já está na praça, porque entre a gente decidir, Guilherme, e acontecer... vocês viram esse decreto que eu assinei, aqui? Vocês viram? Isso, no primeiro mandato, no primeiro mandato nós fizemos a lei, e eu pensava que estava funcionando, e eu pensava que estava todo mundo que produz salaminho, que produz queijo, estava vendendo em qualquer lugar do Brasil. Aí, eu descobri que tinha um entrave. As corporações maiores tentando prejudicar as corporações menores. E este decreto é definitivo, agora, quem produzir o seu salaminho, a sua lingüicinha ou outra coisinha qualquer, vai poder vender em qualquer parte do território nacional, se tiver, se tiver dentro dos padrões sanitários que precisam ter, porque nós precisamos cuidar da saúde, também, do consumidor brasileiro.

Mas, companheiros e companheiras, eu penso que uma coisa importante aconteceu nesses oito anos de governo: acho que nunca houve, na



história do nosso país, uma interação entre o governo e a sociedade brasileira, e o governo e o movimento social organizado.

Eu não sei, companheiros sindicalistas, vocês que se negociaram com tantos governos, se houve algum momento, na história do Brasil, em que vocês foram tratados... não melhor, vocês foram tratados apenas como sempre deveriam ter sido tratados: com respeito, com dignidade, onde nós ouvíamos mais do que falávamos, muito mais do que falávamos. E não houve um só momento que qualquer companheiro deixasse de ser atendido pelo nosso governo.

Foram 68 conferências nacionais. Conferências que começam lá no município, que vão para o estado e que vêm para o governo federal. Algumas conferências envolveram 200, 300 mil pessoas e isso se transforma em coisas que nós vamos aprendendo com vocês, fazendo leis, fazendo decretos e melhorando a vida de cada um de vocês.

Vocês pensam que eu estou satisfeito? Eu não estou satisfeito, eu não estou satisfeito. Eu não estou satisfeito porque eu quero mais. Eu, como vocês, eu, como vocês, eu entendo que o ser humano não tem limite de desejo, nós não temos limite para conquistar as coisas, cada coisa que conquistamos, nós queremos um pouco mais. É assim na vida da gente, é assim na família da gente, por que tem que ser diferente no movimento social? Estão aqui os companheiros que falaram – a Contag, a Fetraf Brasil, o extrativismo, o Frei Sérgio –, [eles] sabem: eu nunca, nunca me incomodei que vocês fizessem qualquer que fosse a reivindicação, e duvido que algum ministro meu tenha destrutado vocês, por mais absurda que pudesse parecer a reivindicação. Até porque não tem reivindicação absurda, tem reivindicação que a gente pode atender e tem reivindicação que a gente não pode atender. E com a mesma lealdade que a gente diz sim, a gente diz não. É assim na minha casa e é assim no meu governo. Quando eu digo não para um filho meu, eu tenho coragem de dizer não para a Fetraf, para a Contag, para a Via Campesina e



para os extrativistas. Numa relação de lealdade, numa relação de companheiros, numa relação onde todos nós queremos uma única coisa: melhorar a qualidade de vida do povo brasileiro e melhorar o nosso país.

O nosso país está sendo respeitado. O nosso país está sendo respeitado porque nós tivemos coragem de ser um país que foi a Copenhague e apresentou a melhor proposta sobre o clima que um país apresentou. Nós nos comprometemos a diminuir o desmatamento na Amazônia em 80%, até 2020, e nos comprometemos a diminuir o efeito gás estufa em 39%. Foi a maior proposta e é por isso que nós chegamos a Copenhague com a autoridade de um país respeitado.

Nós, nós... Vamos dizer o seguinte: eu sou, eu sou o presidente da República que mais fez reserva no mundo, no mundo. Agora veja, eu, eu também acho que nós não podemos apenas ficar fazendo mais reserva, é preciso que a gente faça reserva e a gente comece a discutir o que fazer dessa reserva para que as pessoas possam tirar proveito dessa reserva. Porque, de vez em quando, a gente faz uma reserva e, de vez em quando, a gente é pego de surpresa com o desmatamento, com venda de madeira naquela reserva.

Então eu sugiro, Guilherme, que você, o Ministério do Meio Ambiente, o Mapa, se juntem para discutir o seguinte: qual é o destino que a gente vai dar a essa reserva? Transformar as reservas numa fonte não apenas de preservação, mas numa fonte de ganha-pão para quem toma conta dessa reserva. Por exemplo, por exemplo, ao criar uma reserva, em vez de a gente tentar tirar as pessoas que moram lá, é pagar um salário para essas pessoas tomarem conta da reserva e serem o guarda da floresta ou o guarda da reserva. Alguma coisa desse tipo nós temos que fazer, para fazer evoluir.

Eu quero, gente, hoje, é agradecer aos companheiros. Primeiro, eu quero agradecer a lealdade que vocês tiveram comigo, nesses oito anos. E quero dizer que quem pensa que vai se livrar de mim porque eu vou deixar a Presidência, vai cair do cavalo, porque eu vou continuar andando por este país,



vou continuar tomando café na casa de vocês; se for na hora do almoço, uma caninha produzida por vocês; se for muito cedo ou muito tarde, uma outra coisa qualquer, mas eu vou continuar andando.

Eu quero agradecer ao Banco do Brasil, porque quando nós ganhamos o governo – e pode ter certeza, Dida, que é a mais pura verdade –, quando nós chegamos ao governo, em 2003, nós tínhamos gerente do Banco do Brasil, lá na cidade, que não tinha mais hábito de atender pequeno. Quando chegava um matuto, com uma sandalhinha no pé, aquelas de dedo, cheio de... o calcanhar bem duro e a mão bem calejada, ele não sabia mais receber. Talvez não fosse nem culpa dele, é porque a orientação anterior era que era mais barato atender um só, com um charutão na boca do que atender 100 ou 200 pé de chão, que iam pedir R\$ 1 mil emprestado, R\$ 1,5 mil emprestado. Às vezes, até... Uma informação só: eu acho que houve uma evolução extraordinária no Banco do Brasil, eu sei do compromisso que o Banco do Brasil tem, o Banco do Brasil é uma coisa que é parte do orgulho brasileiro. Eu acho, Dida, que tudo que vocês puderem fazer para facilitar o acesso a crédito tem que fazer, porque essa gente paga mais do que outros. Essa gente tem como único patrimônio o orgulho e o nome e, portanto, é importante a gente fazer isso.

Quero agradecer aos companheiros do BNB, do Banco do Nordeste, porque eu fui, agora, a Fortaleza participar dos cinco anos do programa Agroamigo, e o Agroamigo é um sucesso extraordinário, atende a região do Nordeste. Nós, com R\$ 1,3 bilhão, atendemos um milhão de pessoas, pessoas que pegam R\$ 900, R\$ 1 mil, R\$ 1,5 mil, e pessoas que com R\$ 1,5 mil, depois de algum tempo, contratam alguém para trabalhar para elas. É um programa exitoso. Só que o Roberto Smith aproveitou que eu estava lá – eu nem falei para o Guido ainda, para o Guido não mandar ele embora –, e ele veio pedir mais R\$ 10 bilhões para poder cumprir os contratos que ele tem lá, com o povo lá.



Agora, veja que engraçado: antes de a gente chegar à Presidência, em 2002, o BNB emprestou apenas [R\$] 262 milhões. Eu vou repetir: [R\$] 262 milhões, e tinha uma inadimplência de 37,5 [%]. Agora, em 2009, ele emprestou R\$ 22 bilhões e tem uma inadimplência de apenas 3%, em uma demonstração de que vale a pena emprestar muito e emprestar para o pequeno. O Basa, que é o nosso primo menor, o nosso Banco da Amazônia, que também está emprestando, já esse ano, quanto? Eram 230 milhões, agora quanto vai ser? Nove bilhões a carteira, dos quais, quantos para agricultura familiar? De 40 milhões para 600 milhões. Uma pequena diferença, mas é assim mesmo.

Olha, quero, Guilherme, quero agradecer ao companheiro Guilherme e ao Dulci, porque o Dulci é o ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República e é o companheiro que, junto com o Guilherme, cuida dessas negociações com os trabalhadores urbanos, com trabalhadores rurais, sobretudo, do Plano Safra, é o Dulci e o Guilherme que cuidam, mas o Dulci cuida de outras coisas do movimento sindical. E eu acho que, quando a gente terminar o mandato, dia 31 de dezembro, a gente vai poder medir com clareza o que aconteceu no Brasil, o que aconteceu em outras partes do mundo e o que aconteceu no Brasil com a crise econômica, tudo vai ficar muito mais claro.

Eu quero agradecer, sobretudo, a um companheiro que, junto com o Guilherme, faz isso, aos companheiros do Incra. Não é fácil, não é fácil o trabalho do Incra, porque todo dia tem uma greve no Incra. Pense, pense num povo que gosta de greve, pense! E tem hora que eles fazem greve para a gente perceber que eles estão em greve, é a greve contra a greve. Mas eu acho que o trabalho foi extraordinário. Poderia ter sido feito muito mais, ou seja, colocar no campo 60% de tudo que foi assentado desde que o Brasil foi descoberto é algo motivo de orgulho, certamente tem dúvida, certamente tem companheiro que acha que não foi nada, mas assentar e desapropriar 47 milhões de hectares de terra é, algumas vezes, alguns países da Europa que



nós desapropriamos.

Eu tenho consciência de que nós fizemos muita coisa, e tenho consciência de quanto ainda falta para fazer. Falta tanto para fazer, que eu estou vendo um barbudo aqui, do meu lado, o meu companheiro Antônio, jornalista de Porto Alegre, faz mais de 20 anos que eu não vejo, era dono de um jornal da cooperativa, lá em Porto Alegre. Era Coojornal? Era Coojornal. Estás vivo, *hombre*? Por que não passaste aqui, com aquela gaita?

Então, companheiros, olhem, de coração, eu já falei com a Marisa, eu, domingo, vou dar 20 contos pra ela, vinte pila e a gente vai vir aqui fazer uma compra, não é? Venho... A gente vai dar uma andada, para dar uma verificada na qualidade e no preço. Com 20 pila, eu acho que dá para ela comprar muita coisa, não dá não? Então, eu quero ver se domingo de manhã eu venho aqui visitar a feira, mas como cidadão brasileiro, não como presidente, sem microfone, para visitar a barraca... perto do almoço, porque se tiver alguma barraca que tiver uma “branquinha” eu posso experimentar, posso.

Então, companheiros e companheiras, do fundo do coração, eu duvido que tenha, na face da Terra, um presidente da República que tenha mais motivo de orgulho da relação que vocês têm com o presidente do que a que eu tenho com vocês. Eu acho que é uma coisa sincera, verdadeira, e eu considero vocês meus irmãos, meus filhos, meus companheiros. E eu sei que quando eu deixar a Presidência da República, quem vai me chamar de companheiro, em qualquer lugar do Brasil, são exatamente vocês, que me chamavam antes e me chamarão depois.

Então, um grande abraço e continuem trabalhando, porque se vocês não trabalharem, não reivindicarem, muitas vezes o governo não enxerga vocês.

Gente, que Deus nos abençoe. Boa feira. E estarei, com Marisa, para gastar 20 mil reais [20 reais] domingo, com vocês. Um abraço.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
